

# O 8º Batalhão de Infantaria de Linha na Tríplice Aliança (16º BIMtz – Batalhão Itapiru)

Aureliano Pinto de Moura<sup>111</sup>

## DO NASCIMENTO AO RIO PARANÁ

O 16º Batalhão de Infantaria, “Batalhão Itapiru”, nasceu nos idos de 1838 em Laguna, Província de Santa Catarina, com a denominação de Batalhão de Caçadores Provisório. No ano seguinte o Decreto nº 30, de 22 de fevereiro de 1839 criou doze batalhões de caçadores ligeiros, dentre os quais o de Santa Catarina, com sede no Desterro, passando o então Batalhão Provisório, de Laguna, a constituir o 1º Batalhão de Caçadores de Linha.

No ano de 1842, foi transferido para a guarnição da Corte, no Rio de Janeiro, onde, em 1851, passou a denominar-se 9º Batalhão de Caçadores. No ano seguinte, novamente, mudou a sua denominação para 8º Batalhão de Caçadores, a qual manteve até seguir para o teatro de operações, na Guerra da Tríplice Aliança.

Em 1865, o 8º Batalhão foi mandado integrar as tropas do General João Propício Mena Barreto, no sul do país. Integrando-se à Divisão Observadora, com a denominação de 8º Batalhão de Infantaria de Linha, sob o comando do Major Joaquim Luiz de Azevedo.

Tendo em vista a Convenção de 20 de fevereiro de 1865, foi dado novo destino às tropas brasileiras que se encontravam nas imediações de Montevidéu, em face da invasão do Mato Grosso, do aprisionamento do navio *Marquês de Olinda* e da expectativa de invasão da Província do Rio Grande do Sul, pelas tropas paraguaias.

Tendo em vista o agravamento de seu estado de saúde, o General Mena Barreto foi substituído pelo General Manoel Luiz Osorio. As tropas brasileiras em terras uruguaias tinham, nesta época, um efetivo de 9.466 homens, dos quais 430 pertenciam ao 8º Batalhão de Infantaria de Linha.

---

<sup>111</sup> General-de-Divisão Médico, Presidente do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil.



No dia 25 de setembro de 1865, as tropas de Osorio deixaram o seu acampamento, na margem do Mandisobi Grande, seguindo para a foz do Mocoretá, na Argentina, aonde chegou no fim da tarde do dia seguinte. Formou-se, no local, uma grande concentração de tropa. Osorio aproveitou para dar descanso à tropa, para se recuperar dos desgastes sofridos na campanha do Uruguai (1864/65).

A transposição do Mocoretá pela tropa demorou três dias. Os argentinos do General Gelly y Obes seguiram na retaguarda brasileira, transpondo o Mocoretá, em 3 de outubro. Transpuseram o rio 18.365 homens.

Na organização das suas tropas, Osorio integrou o 8º Batalhão de Infantaria de Linha na 8ª Brigada de Infantaria, sob o comando do Coronel José Baltazar da Silveira. A unidade estava, agora, com apenas 365 homens, dos quais 24 oficiais. Compunham a mesma brigada, o 16º Batalhão de Infantaria de Linha e o 10º Batalhão de Voluntários da Pátria. A 8ª Brigada pertencia à 3ª Divisão do Brigadeiro Antonio de Sampaio.

No dia 3 de outubro, Osorio iniciou marcha, para atingir Mercedes, ponto obrigatório de passagem para o Rio Paraná. A marcha durou 28 dias. Marcha de muito sacrifício, com muita chuva e lama. Em 16 de dezembro, os exércitos aliados, sob o comando do General Bartolomeu Mitre, já se encontravam reunidos à leste de Cor-

rientes. Eram 22.000 brasileiros integrantes do Corpo de Exército de Osorio e mais 15.000 aliados. Cabia-lhes, então, planejar a transposição do Paraná para o território inimigo. Os preparativos eram intensos e continuados. Osório enfrentava tudo com muita determinação. Enquanto aguardava o momento da transposição, a tropa seguiu realizando exercícios de adestramento.

A preparação para a transposição, do Paraná foi uma tarefa pesada, pois foi associada à organização da base de operações, em Corrientes. O Corpo de Engenheiros trabalhou na construção de meios flutuantes, pontos de embarque e reconhecimento do terreno. Enquanto que a vanguarda argentino-uruguaia procurou dar segurança à operação.

No dia 25 de fevereiro de 1866, Bartolomeu Mitre reuniu o alto comando aliado, em seu quartel-general, para debater a transposição. Estiveram presentes: Tamandaré, Osorio e Flores. Concluíram pela necessidade de um reconhecimento naval do Rio Paraná, até as Três Bocas, para a escolha do melhor local para a invasão.

O reconhecimento foi iniciado no dia 21 de março. Mitre, Osorio e Flores seguiram a bordo do *Apa*, debatendo sobre o melhor local para invasão. Sem chegar a uma conclusão, seguiram na exploração do rio, agora com a presença de Tamandaré. Ao chegarem às proximidades de Itapiru, houve troca de tiros com o forte.

Após uma nova reunião, os chefes aliados decidiram por um desembarque na região de Itapiru. Para isso seria necessária a conquista de Ilha Cabrita, ao sul do forte. De 5 para 6 de abril, 900 homens, sob o comando do Tenente-Coronel Vilagran Cabrita, desembarcaram na ilha.

Durante quatro dias, travou-se o combate, com apoio naval. Após esta vitória, quis o destino, que Vilagran Cabrita viesse a tombar mortalmente ferido pelo fogo inimigo, quando já estava recolhido.

Depois de tudo isso, o comando aliado achou por bem mudar o local da invasão. Não mais seria em Itapiru, mas sim na margem esquerda do Rio Paraguai, pouco acima da sua embocadura, conforme fora sugerido por Osorio.

Próximo do momento da invasão, em 1º de março, o 1º Corpo de Exército brasileiro acampou em Tala-Corá, contando com 32.868 homens. Destes, 578 homens eram do 8º Batalhão de Infantaria de Linha, sendo 19 oficiais. Na tarde do dia 15, a tropa ficou em condições de realizar a transposição do rio. As mochilas e os materiais, desnecessários, foram deixados na margem esquerda do rio e foram levados apenas: o armamento, a munição e as ferramentas indispensáveis. Vestiam, todos, novos uniformes.<sup>112</sup>

No início da noite, neste mesmo dia, sob o controle de uma comissão de

engenheiros, embarcou, em primeiro lugar, a 3ª Divisão, do Brigadeiro Sampaio. Embarcaram em um pequeno cais construído nas barrancas do rio no início da noite. A 8ª Brigada embarcou de um outro cais, tendo permanecido embarcada por toda à noite. Na oportunidade, o General Osorio, em uma proclamação à tropa, declarou: “*Soldados e compatriotas. Tenho presenciado a vossa serenidade no meio das privações e a vossa constância nos sofrimentos.*”

Às 08:30 horas do dia 16 de abril, foi iniciada a transposição. A 3ª Divisão de Sampaio, com 4.406 homens, embarcou nas corvetas *Magé* e *Beberibe* e nas canhoneiras *Ivaí* e *Iguatemi*. A 8ª Brigada seguiu no *Wipper* (navio fretado), junto ao qual flutuavam as chatas *Rio Grande* e *Quatro Canoas*. Os oficiais foram acomodados no convés do navio e a tropa em canoas. As ferramentas e munição reserva foram acomodadas em outra canoas. A pequena frota tomou posição ao longo do Paraná, entre a foz do Paraguai e o Forte Itapiru.

A frota seguiu para o local da invasão sob forte tiroteio inimigo. A frota seguiu como se fora para a margem direita do Paraná, próximo a Itapiru. Em hábil manobra, as embarcações entraram pelo Rio Paraguai, chegando até o ponto escolhido por Osorio.

A 3ª Divisão desembarcou as suas duas brigadas, juntamente com o comando

<sup>112</sup> MAIA PEDROSA, José Fernando. *Batalhão Itapiru*. (atualizado em 1990).

do 1º Corpo de Exército. Todo o desembarque foi realizado sob intensa chuva e terreno alagado. O primeiro a pisar solo paraguaio foi Osorio, seguido de seu piquete de cavaleiros. De imediato, iniciou um reconhecimento, acompanhado pelo seu piquete de guarda.

O 8º Batalhão de Infantaria de Linha, comandado pelo Tenente-Coronel Francisco Antônio Souza Camisão, desembarcou na segunda jornada do dia e recebeu a sua primeira missão em combate. Passou a reforçar a 1ª Divisão, do General Argolo, juntamente com o 10º de Voluntários. Cabia à 1ª Divisão constituir a vanguarda aliada.

O caminho para Itapiru era uma estreita faixa de terreno arenoso, alagado, ladeado por mata densa. A fortificação ficava a cerca de uma légua. Em Passo da Pátria, 30.000 homens esperavam ordens de Solano López.

Logo após atravessar um banhado, Osorio estabeleceu o primeiro contato com os inimigos. Felizmente, havia sido seguido

por uma companhia do 2º Batalhão de Voluntários e outra do 11º, comandadas pelo Major Manoel Deodoro da Fonseca. Deodoro determinou o ataque, forçando o retraimento do inimigo para Itapiru.

Não há registros do dispositivo tomado pelas tropas, na cabeça-de-ponte conquistada. Sabe-se apenas que o espaço era muito pequeno para abrigar o seu efetivo e fazendo-se necessário o prosseguimento, imediato, em direção a Itapiru. A 1ª Divisão (Argolo), seguiu constituindo a vanguarda aliada, reforçada pelos 8º e 12º Batalhões de Infantaria de Linha e o 10º de Voluntários.

## ITAPIRU

Na tarde do dia 16 de abril, o 8º Batalhão de Infantaria de Linha foi colocado à direita do acampamento, com a missão de proteger a artilharia e as avançadas. Nesta posição pernitoiu.<sup>113</sup> Às 5 horas da manhã,



Infantaria brasileira atacando tropas paraguaias durante a Batalha de Itapiru

<sup>113</sup> Ordem do Dia nº 152, de 25 de abril de 1866.

do dia seguinte, as tropas paraguaias, sob o comando do Tenente-Coronel Benitez, desencadearam um ataque frontal, contra os brasileiros, que se defenderam apenas com a sua vanguarda reforçada e mais dois regimentos de cavalaria. Os brasileiros contra-atacaram com os 1º e 13º Batalhões de Infantaria investindo contra o flanco esquerdo inimigo. Benitez foi levado a mudar a sua frente, expondo seu flanco direito ao 8º Batalhão de Infantaria de Linha e ao 10º de Voluntários, que o atacaram violentamente, sob as ordens do Coronel D. José da Silveira (comandante da 8ª Brigada).

O Tenente-Coronel Camisão, comandante do 8º Batalhão, mandou três de suas companhias para os pontos onde o inimigo atacava. A 1ª Companhia, do Capitão Felix José da Silva, a 2ª, do Capitão Licínio Libório Passos, e a 5ª, do Tenente Joaquim José Ramos. O combate foi cruel, porém a atuação do batalhão fez os paraguaios retraírem. Foi o batismo de fogo do 8º Batalhão de Infantaria de Linha. O seu preço foi 76 perdas, entre elas cinco oficiais. Morreu em combate o Capitão Licínio Libório Passos e foram feridos os tenentes Belisário Olímpio de Carvalho, Salviano Pires de Campos e João Francisco das Chagas, além do Alferes Manoel Estevão de Oliveira Pinto.

Neste mesmo momento, em que as tropas brasileiras combatiam em terra, a esquadra bombardeou Itapiru e arredores. O *Henrique Martins* e o *Greenbalgh* penetraram no canal entre a ilha de Santa Ana e a

margem norte do Paraná realizando o baliçamento do rio. A tarefa foi cumprida sob forte fogo da artilharia, de ambos os lados.

Neste mesmo dia, o restante das tropas aliadas, realizou o desembarque, agora no Rio Paraná, logo abaixo de Itapiru. Diante dos fatos Solano López determinou o abandono de Itapiru e ordenou o retraimento, de suas forças, para o Passo da Pátria.

No dia seguinte, 18 de abril, Osório, Paunero e Flores entraram em Itapiru, totalmente abandonado. A bandeira brasileira foi hasteada pelo Tenente-Coronel Freire Carvalho, comandante do 38º Batalhão de Voluntários, porém a mesma pertencia ao 6º Batalhão de Infantaria de Linha, do Tenente-Coronel Antonio da Silva Paranhos. Às 11:00 horas chegou em Itapiru o General Bartolomeu Mitre, ordenando à vanguarda seguir para o leste, a fim de reconhecer o terreno, na direção do Passo da Pátria. Essa vanguarda foi constituída pela 3ª Divisão, reforçada por dois batalhões orientais e uma bateria de artilharia brasileira, da qual fazia parte o 8º Batalhão de Infantaria de Linha.

## PASSO DA PÁTRIA

A vanguarda rapidamente aprestou-se, seguindo rápido, pelo caminho que seguia para Passo da Pátria, quartel-general de Solano López. Passo da Pátria abriria o caminho, para Humaitá. A partir do dia 19 de abril, a esquadra passou a bombardear Passo da



Pátria em apoio à vanguarda. Ficado sob a ação da artilharia naval, Solano López retirou-se de Passo da Pátria, deixando apenas poucos elementos de artilharia e infantaria, para cobrir a retirada. Após a saída de López, o General Resquin, abandonou Passo da Pátria, com o grosso da tropa. Solano López tomou, posição ao norte do Estero Bellaco.

No dia seguinte, 20 de abril, Venâncio Flores substituiu a 3ª Divisão, reforçado pela 12ª Brigada de Infantaria, do Tenente-Coronel Joaquim Rodrigues Coelho Kelly, integrada pelo 8º Batalhão de Infantaria de Linha.

A tropa aliada manteve-se realizando constantes reconhecimentos, em busca de passagens e vias de acesso que viabilizasse um ataque ao inimigo. No dia 23 de abril, quando se preparavam para atacar, os aliados perceberam densas nuvens de fumaça para o lado de Passo da Pátria. Tocou o alarme em toda tropa e logo se soube que o inimigo havia abandonado as trincheiras, retraído, na direção do Estero Bellaco e incendiando a localidade.

De 23 para 24 de abril, Passo da Pátria foi evacuada, sem oferecer resistência. Segundo o General Resquin, Solano López achou que a posição não era confiável, em face do fogo dos navios brasileiros. Neste mesmo dia as tropas aliadas entraram, em Passo da Pátria. Mas só após três dias todas as tropas aliadas estavam na região de Passo

da Pátria, a cavaleiro do caminho para Humaitá. Esse caminho era ladeado por dois capões de mato cerrado, ao sul do qual a vanguarda aliada tomou posição. Os 3.580 homens (1.900 da 12ª Brigada brasileira) estavam sob o comando de Flores.

## O COMBATE DE ESTERO BELLACO

Após a retirada de Passo da Pátria, López desdobrou, as suas tropas, ao norte do Estero Rojas. Deixou mais ao sul a sua vanguarda, com seis peças de artilharia, para vigiar os passos do Estero Bellaco (Pires, Sidra e Carreta). Pelo Passo Sidra passava a estrada para Humaitá. Da mata os paraguaios vigiavam as tropas aliadas. Uma milha, ao norte de Passo da Pátria, no antigo acampamento paraguaio, estava acampada a tropa aliada, com Flores na sua vanguarda.<sup>114</sup>

Às 16 horas, do dia 26 de abril, Flores realizou o seu primeiro reconhecimento com quatro batalhões de infantaria - um deles era o 8º - e alguns piquetes de cavalaria. Com essa tropa forçou a vanguarda inimiga fazendo com que esta recuasse cerca de meia légua, para o norte, onde se encontravam unidades regulares, com apoio de artilharia. Houve troca de tiros e fogos da artilharia paraguaia, sem maiores consequências.

<sup>114</sup> THOMPSON, George. *Guerra del Paraguay*. Assunção: RP Ediciones, 1992.



Na tarde do dia 29, um novo reconhecimento. Desta feita, Flores, levou quatro peças de canhões La Hitte que fez atuar tão logo chegou na linha de frente. Prosseguiu no reconhecimento, com dois batalhões de infantaria, apoiados pela 5ª Bateria do 1º Regimento de Artilharia a Cavalos. Nessa oportunidade, Mitre e Osório fizeram presença junto à vanguarda.

Em 1º de maio, Osório determinou ao General Vitorino que desse proteção à vanguarda, pois o grosso aliado ainda estava em Passo da Pátria. Seguiram, para a frente, o 21º e o 38º de Voluntários, assim como o 4º Corpo de Cavalaria de Voluntários. Osório não tinha ficado satisfeito com o que viu, na vanguarda aliada.

López foi informado sobre o dispositivo aliado e decidiu atacar. Organizou três colunas, sob o comando do Tenente-Coronel Díaz, com cerca de 4.000 homens, e, no dia 2 de maio, desencadeou um violento ataque precedido por um forte bombardeio de artilharia. Ao centro, o grosso de infantaria e nas alas dois regimentos de cavalaria, de cada lado.

Na manhã do dia 2 de maio, o General Hornos, com alguns piquetes da cavalaria argentinos, transpôs o Estero Bellaco e atacou as posições avançadas paraguaias. Às 12 horas, Díaz desencadeou o ataque, iniciando a manobra com o lançamento de foguetes incendiários e fogos de artilharia.

O ataque inimigo foi forte fazendo os aliados retrocederem, deixando a artilharia isolada. Seu comandante, diante do pânico

co surgido entre os seus soldados, e abandonando os canhões, ordenou a retirada.

O alarme foi geral no campo aliado. A situação tornou-se crítica, com o Tenente-Coronel Leon Palleja, procurando deter o inimigo. Foi nesta hora que surgiu o Osório, seguido pela 6ª Divisão (Vitorino), em contra-ataque, detendo o inimigo. Só restou, para Díaz, ordenar o retraimento para uma posição ao norte do Estero Rojas.

## ATUAÇÃO EM TUIUTI

Bartolomeu Mitre manteve seus homens posicionados em Estero Bellaco até o dia 19 de maio. Procurando um local mais apropriado, para as suas tropas, no dia 20, pela manhã, mandou o exército aliado marchar para o norte, seguindo a estrada que levava a Humaitá. Flores seguiu, na vanguarda, juntamente com a 6ª Divisão, do General Vitorino. Atravessaram, o Estero Bellaco, pelo Passo Sidra, enquanto os argentinos, do General Hornos, passaram mais ao leste, pelo Passo Carreta. Os aliados seguiram em marcha, trocando tiros com a retaguarda paraguaiá, posicionada ao norte o Estero Bellaco, até chegarem aos campos de Tuiuti. Ai, acamparam no final do dia.

Os paraguaios posicionaram-se mais ao norte, desde Passo Gómez até o Estero Rojas (Estero Bellaco Norte). O quartel-general de Solano López foi instalado em Passo Pucu, onde permaneceu durante cerca de dois anos.



Fazendo o seu estudo de situação, Solano López concluiu que tudo indicava um ataque aliado para o dia 25 de maio. Procurando antecipar-se e surpreender o inimigo, atacou no dia 24. Não contou, entretanto, com a previsão de Osorio, que anteviu o ataque paraguaio e preparou-se para ele. Segundo Bartolomeu Mitre, dois dias antes, Osorio já havia levantado essa hipótese.

Flores posicionou-se pouco mais ao norte, com a vanguarda, a cavaleiro da estrada de Humaitá, reforçado pela 12ª Brigada brasileira da 4ª Divisão (Guilherme) e pelo 1º Regimento de Artilharia a Cavalos (Mallet). À esquerda de Mallet, posicionou-se a 6ª Divisão (Vitorino), enquanto a 3ª Divisão (Sampaio) desdobrou-se um pouco mais à esquerda. Na retaguarda, Flores. Mais à retaguarda, em uma posição dominante, posicionaram-se os 1º e 3º Batalhões de Artilharia a Pé. Mais ao sul, a 1ª Divisão de Argolo e a 4ª de Guilherme de Souza, além da 19ª Brigada Auxiliar (Artilharia), do Coronel Gomes Freitas.

Formando um terceiro escalão, a 2ª Divisão de Cavalaria, do General José Luiz Mena Barreto e a 5ª do Coronel Tristão Pinto. Próximos a elas, o 7º e o 24º Batalhões de Voluntários, mais ao sul; protegendo os trens, o General Antonio de Souza Neto, com a sua Brigada Ligeira.

O 8º Batalhão de Infantaria Ligeira, novamente sob o comando do Major Joaquim Luiz Azevedo, integrante da 1ª Divisão (Argolo), posicionou-se no flanco

esquerdo aliado. Exatamente onde houve um certo descuido com a segurança, face ao Potreiro Pires, apesar dos protestos do General Argolo, na fase de planejamento.

Às 11.55 horas, segundo o General Cunha Matos, subiu ao ar um foguete a Congrêve disparado pelo General Vicente Barrios, comandante da coluna posicionada no flanco direito paraguaio. Era o sinal de que já estava em posição, para o desembocar do ataque. Como resposta troou um canhão de Bugrez. Era o sinal combinado. Iniciava-se a maior batalha campal, em terras sul-americanas.

O General Barrios, com 8.000 infantas e 1.000 cavalarianos, atacou o flanco esquerdo aliado, onde estavam as tropas brasileiras. Não contava com artilharia. Após romper as linhas brasileiras, deveria juntar-se às tropas do General Resquin, na retaguarda aliada.

A 1ª Divisão estava constituída pelas 8ª Brigada do Coronel D. José da Silveira (8º e 16º Batalhões de Infantaria, mais o 10º e o 46º de Voluntários) e a 10ª Brigada do Coronel Carlos Resin Filho.

Após a submersão da vanguarda aliada, Díaz prosseguiu no seu ataque, buscando o flanco esquerdo do 1º escalão aliado. Sampaio, percebendo o perigo, levou a 3ª Divisão em socorro de Argolo. Segurou a pressão inimiga empregando à 7ª Brigada, reforçada pelo 4º Corpo de Voluntários da Pátria (da 5ª Brigada). Foi durante esse combate que Sampaio tombou mortalmente ferido sendo,



na ocasião, substituído pelo General Bittencourt. Este episódio foi muito bem descrito por Dionísio Cerqueira, então Alferes do 4º Batalhão de Infantaria de Linha.

A situação tornou-se grave, no flanco esquerdo aliado. Osorio ao perceber o perigo ordenou à 1ª Divisão fechar a brecha que se abria. Argolo, para isso, usou a sua 10ª Brigada. Atrás dela seguiu a 11ª Brigada, da 4ª Divisão (Guilherme), por determinação direta, de Osorio.

Comandando a ala direita das tropas paraguaias, o General Barrios atravessou o Potreiro Pires, visando atingir à retaguarda brasileira. No local, dando pasto à cavalaria estava o General Neto, com a sua Brigada Ligeira, reforçada pelos 1º e 24º de Voluntários da Pátria.

Barrios penetrou, em massa, no potreiro, obrigando o General Neto a recuar, até o Estero Bellaco, em Passo Pires. Osório socorreu a Brigada Ligeira, empregando a 2ª Divisão de Cavalaria, sob o comando do General José Luiz Mena Barreto.

Durante o combate de Tuiuti, certas divisões e brigadas ficaram dissociadas. Osorio lançou batalhões em direções opostas, conforme a situação assim o exigiu, no momento. Os 8º e o 16º Batalhões de Infantaria de Linha, da 8ª Brigada, reforçaram a 6ª Divisão (Vitorino), enquanto que os 10º e 46º de Voluntários da Pátria, da mesma brigada, foram empregados, no extremo sul do dispositivo, na picada que levava ao Potreiro Pires.

Praticamente ao mesmo tempo, o General Resquin atacou o flanco direito aliado, onde estavam os argentinos, fazendo esses retrocederem. Mais uma vez foi Osorio em socorro, levando pessoalmente alguns batalhões brasileiros (Rio Branco).

## O COMBATE DE 16 DE JULHO

Uma semana após Tuiuti, reuniram-se os chefes militares aliados, para apreciar a situação das forças em presença, com suas conclusões registradas em ata.

Foi pacífico o entendimento de que Tuiuti fora uma vitória aliada, mas serviu para demonstrar as surpresas e dificuldades consequentes de uma prolongada campanha em terreno desconhecido e inóspito. Era evidente que o desgaste imposto pelo combate, pelo clima, pelo desconforto e pelas prolongadas vigílias, levariam a paralisação temporária da ofensiva. Pelo menos até que fosse conseguido elevar as condições de mobilidade e o poder de combate.

As tropas paraguaias também não estavam em condições de realizar grandes operações, pois seu desgaste foi maior que o dos aliados. As suas perdas foram muito grandes.

Na linha de frente, alguns bombardeios de artilharia ou pequenos combates e golpes de mão. Por certo a guerra não foi decidida ali.

Tuiuti transformou-se em um grande acampamento fortificado, onde os militares passaram a conviver com comerciantes



e gente de todas as espécies, pelas Bandas do Passo da Pátria. O estado sanitário era precário e os recrutas recém-chegados, com frequência, ficavam enfermos. Havia cerca de 10.000 homens baixados nos hospitais, dos quais cerca de 1.500 oficiais. O moral não era bom, principalmente com a notícia de que o General Osorio teria que deixar o teatro de operações em consequência de seus ferimentos.

Às 11 horas do dia 14 de julho de 1866, o exército aliado entrou em forma pronto para o combate. O 8º Batalhão estava presente na coluna aberta pela 1ª Divisão, para receber uma possível investida inimiga. Dionísio Cerqueira, posicionado próximo ao 8º, descreve o bombardeio paraguaio fazendo voar sobre as suas cabeças, sem interrupção, centenas de projéteis, que iam explodir mais adiante, espalhando a morte pelos batalhões. Outras vezes caindo as granadas na frente, atingiam as fileiras da 1ª Divisão. Naquele dia foram mortos 10 soldados e foram feridos 7 oficiais e 55 praças.

O inimigo não dava sossego, realizando golpes de mão, aproveitando a escuridão da noite, a procura de sentinelas menos atentas.

Nesse meio tempo, López iniciou a fortificar Punta Ñaro (ponta zangada) para barrar o avanço aliado por uma picada que levaria os atacantes ao seu flanco direito.

No dia 15 de julho de 1866, o General Polidoro assumiu o comando do 1º Corpo de Exército, em substituição ao General

Osorio, que se retirara por ter sido ferido. Já no dia seguinte, o General Polidoro, preparou o ataque planejado por Osorio. O combate durou todo o dia, com pouco resultado para os aliados.

Aos poucos, o combate foi se tornando mais intenso, dentro da mata, e além das trincheiras. A 1ª e a 3ª Divisões foram se engajando, seguindo à retaguarda da 4ª Divisão (Guilherme), que acabou sendo substituída.

A 1ª Divisão contava com suas duas brigadas. A 8ª (Balthazar da Silveira), com seus quatro batalhões (8º e 16º Batalhões de Infantaria de Linha e o 10º e o 46º de Voluntários), e a 10ª (Tenente-Coronel Faria Rocha) com cinco batalhões (13º Batalhão de Infantaria de Linha e os 2º, o 22º, o 26º e o 40º de Voluntários).

Às 7:30 horas Argolo ordena que o 46º Batalhão de Voluntários reforçasse a 4ª Divisão e logo em seguida mandou seguirem o 8º e o 16º Batalhões de Linha. Praticamente quase toda a 8ª Brigada ficou empenhada. Permaneceu, apenas, o 10º de Voluntários dando proteção ao 1º Regimento de Artilharia a Cavalos, por ordem do General Polidoro.

No início da manhã, o 8º Batalhão de Infantaria foi mandado apresentar-se à 13ª Brigada, do Coronel Domingos José da Costa Ferreira, para repelir o inimigo que entrava em uma picada. O Batalhão avançou para a frente das trincheiras, ocupadas pelo 14º Batalhão de Infantaria e estendeu

a unidade em linha de atiradores, sobre uma força de cavalaria, que conseguiu desalojar. Diante do êxito o Coronel Domingos manda duas companhias, sob o comando do Capitão Nelson Jansen Muller. Logo em seguida manda mais duas, sob o comando do Capitão Felix José da Silva, com mais duas companhias, em perseguição.

Após sete horas de combate contínuo, o 8º Batalhão de Infantaria, depois de atacar a segunda trincheira e ter sido contra-atacado na primeira (Punta Ñaro), sustentou quatro ataques inimigos, pela frente e pelos flancos, sob violento bombardeio. O batalhão manteve-se firme na posição, defendida pela ponta das baionetas, em combate corpo-a-corpo. Pagou caro esta vitória, o 8º Batalhão de Infantaria de Linha. Tombou heroicamente o seu comandante, o Major Joaquim Luiz de Azevedo. Neste combate morreram três oficiais e 14 praças; e foram feridos 6 oficiais e 81 praças.

Em parte, de 21 de julho, o Capitão Felix, informou ao General Argolo a morte, em combate, do Major Joaquim Luiz de Azevedo, Comandante do 8º Batalhão:

Não tendo o meu antecessor podido dar a parte do combate, em 16 de julho, por ter falecido no (combate) que teve lugar no dia 18, tudo do corrente (julho) mandei passar a limpo a que ele em borrão havia deixado, a qual tenho a honra de passar as mãos de V.S., a fim

de apreciá-la como melhor entender. Deus guarde a V.S. Assinado Cap Felix José da Silva, Capitão comandante interino.

Nas partes de combate, assinadas pelo Capitão Felix, Comandante do 8º naquele momento, o Comandante da 8ª Brigada, o Coronel Balthazar e o da 1ª Divisão, General Argolo, ressaltam a coragem e o desempenho do Major Azevedo.<sup>115</sup>

O combate foi violento e estafante. No decorrer da luta a 4ª Divisão, já exausta e com um efetivo seriamente desfalcado, foi substituída pela 1ª Divisão.

## A MARCHA DE FLANCO

Iniciava-se uma fase muito difícil para as tropas brasileiras. A situação estacionária das forças aliadas em Tuiuti e a falta de meios para realizar o prosseguimento. O terreno era inóspito, cheio de matas densas e esteros, cujos passos eram desconhecidos para os aliados. As montadas eram poucas (cerca de 3.000) e em más condições para realizar os reconhecimentos.

A tentativa de uma penetração pela margem oriental do Rio Paraguai não foi possível, apesar da conquista de Curuzu, em 3 de setembro de 1866. Já a tentativa contra Curupaiti foi um desastre, onde 1.961 foram as baixas brasileiras.

<sup>115</sup> Ordem do Dia nº 9, de 31 de outubro de 1866, do General Polidoro.



Meses depois, não só pelo fracasso de Curupaiti como pelas condições de Curuzu, face às chuvas, o 2º Corpo de Exército foi levado para Tuiuti, deixando apenas uma pequena guarnição no forte evacuado.

Nessa fase da guerra, houve muitos fatos desagradáveis na zona de atuação do 2º Corpo, o que em nada comprometeu o 8º Batalhão, por estar integrando o 1º Corpo.

Em 10 de outubro, o Imperador nomeia o Marquês de Caxias para o Comando em Chefe do Exército Brasileiro em operações. Veio comandar não só a força terrestre como também a naval. Desembarcou em Itapiru no dia 17 de novembro de 1866, tendo sido recebido pelo General Polidoro. No dia seguinte, segue para Passo da Pátria e Tuiuti, onde foi recebido por dois esquadrões de cavalaria. O 8º Batalhão estava formado com o grosso da tropa para receber o novo Comandante em Chefe.

Caxias, após assumir o comando instalou o seu quartel-general em Tuiuti, onde permaneceu até ter condições para o prosseguimento. Em seguida reuniu-se com o General Bartolomeu Mitre, Comandante Aliado.

Caxias encontrou o Exército em péssimas condições, com um terço dos homens baixados aos hospitais e enfermarias. A soldadesca estava mal uniformizada e o equipamento em mau estado. A cadeia de suprimentos era falha e a disciplina deixava a desejar.

Caxias logo iniciou a reorganização do Exército, a regularização do apoio administrativo e o saneamento dos acampamen-

tos com medidas básicas de higiene militar. Individual e coletiva. A disciplina também iniciou a ser corrigida.

Na manhã de 9 de janeiro de 1867, cerca de 06:00h, Caxias chega ao acampamento da 1ª Brigada de Infantaria, comandada pelo Coronel D. José Balthazar da Silva, constituída pelos 8º e o 16º Batalhões de Linha e o 40º Corpo de Voluntários da Pátria. A impressão geral, do acampamento, e a apresentação da tropa foram consideradas muito boas. Mas foi notada, no 16º Batalhão de Infantaria e no 40º de Voluntários, a falta de algumas peças do equipamento, assim como a manutenção do armamento deixava a desejar. Nas demonstrações de adestramento, estas duas unidades também não se saíram bem. Caxias chamou a atenção dos comandantes da Divisão e da Brigada e elogiou o Tenente-Coronel Hermes Ernesto da Fonseca, comandante do 8º Batalhão, pela disciplina e desempenho da unidade.

Em 9 de fevereiro de 1867, Caxias assumiu o Comando Aliado, com a saída de Bartolomeu Mitre do teatro de operações. Além de todos os problemas já existentes, Caxias teve que enfrentar o surto de cólera morbus surgida no acampamento aliado, e que levou à morte cerca de 2.000 brasileiros. O 8º Batalhão, como toda a tropa brasileira, passou um período triste e difícil.

No dia 10 de julho Caxias determinou várias medidas preparatórias com vistas ao reinício das operações ofensivas.

No dia 18 de julho de 1867, chegou em Tuiuti, o 3º Corpo de Exército, comandado pelo General Manoel Luiz Osorio, completando um reforço de 20.000 homens recebidos por Caxias. No dia 22 de julho, teve início o movimento para desbordar as trincheiras inimigas do Sauce-Boquerón-Curupaiti. A 24, o grosso da tropa transpõe o passo Tio Domingos, atravessando inúmeros esteros que caracterizam aquela região. A tropa se sentiu aliviada ao pisar terra firme novamente.

Após alguns pequenos encontros de vanguarda, o grosso da tropa chegou em Tuiui-Cuê (barro que desapareceu), em 31 de maio, onde acampou e estabeleceu a segurança. No dia seguinte, reassumiu o Comando Aliado o General Bartolomeu Mitre, ao retornar ao teatro de operações. Logo ao chegar, teve uma longa entrevista com Caxias e demais generais, onde ficou decidida a continuação da marcha. As trincheiras paraguaias não terminavam no sul, mas sim contornavam todo o perímetro de Humaitá. Somente um isolamento traria a decisão tão desejada. As tropas fechariam Humaitá na margem do Rio Paraguai, enquanto a esquadra deveria juntar-se ao exército, ao norte da fortaleza.

A fase móvel da campanha destacava-se pelas longas marchas, pelas ações de cavalaria e pelas tentativas frequentes dos paraguaios em atingir os comboios de suprimentos, oriundos de Passo da Pátria.

Segundo depoimento de prisioneiros, López continuava recebendo recursos do

interior do país pela estrada que passava por Potrero Obella, onde guardava um numeroso rebanho bovino e cavahada. Apenas uma pequena guarnição aí permanecia entrincheirada.

Caxias resolveu prosseguir com mais energia nas operações na margem esquerda do Rio Paraguai. Decidiu atacar Tayi, abrindo caminho para Pilar. Designou para executar a operação o Brigadeiro João Manoel Mena Barreto, com cerca de 4.400 homens.

Tayi, na margem esquerda do Paraguai era o primeiro ponto ao norte de Humaitá, que apresentava boas condições para realizar a junção das forças terrestre com a esquadra, que deveria passar a fortificação.

A cavalaria contava com a 1ª Divisão, do General Andrade Neves, e a 2ª, do Coronel Oliveira Bueno. A infantaria estava constituída por sete batalhões, sob o comando do Coronel Salustiano Jerônimo dos Reis. Contava ele com os 1º, 2º, 7º, 8º e 9º de Infantaria e os 24º e o 33º de Voluntários. A tropa seguiria apoiada por artilharia, sapadores e com ambulâncias que levariam material para um hospital de sangue.

Em 29 de outubro, os aliados conquistaram Potrero Obella e, a 20 de novembro, Tayi, completando assim o cerco nas margens do Rio Paraguai, dando abertura para Pilar. Nestes combates, mais uma vez o 8º Batalhão se destacou pela sua bravura.

Ao amanhecer do dia 29 de outubro, Mena Barreto iniciou a sua marcha em direção a Potrero Obella, com os 2º e 3º Re-



gimento de Cavalaria, da 1ª Divisão, constituindo a vanguarda.

A tropa atravessou o Arroio Y-Py-puce (Arroio Fundo), onde deixaram dois Regimentos de Cavalaria para proteção da retaguarda, e prosseguiram em direção a Potrero Obella, onde os paraguaios haviam se entrincheirado. A fortificação, em forma de quadrilátero, possuía antefosso cheio de água e flancos protegidos por banhados.

Mena Barreto monta a sua manobra, prevendo um ataque a três batalhões, rompendo pela picada em frente, investindo contra as trincheiras. Para isso designou os 2º, 7º e o 33º Batalhões. Em um outro ataque, Mena Barreto empregou o 8º e o 9º Batalhões de Infantaria, juntamente com o 24º de Voluntários, mandados contornar o flanco esquerdo do inimigo e surpreendê-lo pela retaguarda. Duas horas de fogo de artilharia apoiaram a manobra. Após vencerem um longo deslocamento através um denso bosque, investiu pela retaguarda paraguaia.

O 1º Batalhão de Infantaria constituiu a reserva enquanto a 2ª Divisão de Cavalaria cobriu o flanco do ataque e impediu a fuga do inimigo.

O ataque pela retaguarda, com o 8º Batalhão em primeira linha foi sangrento e difícil, porém conseguiu penetrar na fortificação e dela expulsar os paraguaios. Nesta ação, tomaram mortos 83 brasileiros, mais 310 feridos. Entre os paraguaios tomaram mortos 143, além de mais de uma centena de prisioneiros, quase todos feridos. Entre

os mortos, o Major José González, comandante da tropa paraguaia.

Ao terminar o combate, o Brigadeiro Mena Barreto determinou imediatamente que a 2ª Brigada de Cavalaria, do Coronel Tristão José Pinto, desencadeasse um reconhecimento no caminho que levava a Pilar e Tayi. Ao ser abordada, a guarnição de Tayi evadiu-se se abrigo na mata ou através do rio. O Coronel Tristão, entretanto, não ocupou Tayi. A guarnição de Pilar também abandonou a posição, e foi ocupada pelo 3º Regimento de Cavalaria. Mena Barreto mandou acampar no Potrero e desencadeou um reconhecimento e a preá do gado e montadas que por ventura existissem.

Coube ao 8º Batalhão reconhecer a área de Laureles-Tayi, em busca de livre atiradores remanescentes, refugiados na mata densa.

No dia 30 de outubro, chegou ao acampamento um reforço para Mena Barreto. Chegaram os 23º Corpo de Voluntários e os 1º e 2º Corpos Provisórios de Cavalaria da Guarda Nacional, mais cinquenta sapadores, vindos de São Solano.

Tendo recebido a informação de que, em 1º de novembro, dois batalhões de infantaria, paraguaios, haviam chegado e ocupado Tayi, Caxias ordena a Mena Barreto atacar a localidade, ocupando a posição definitivamente. Visando não dar tempo ao inimigo em fortificar a posição, Mena Barreto resolve desencadear um rápido ataque à baioneta.

No dia seguinte, 20 de novembro, às 02:00h da manhã, Mena Barreto desencadeou o ataque. A tropa seguiu com os 1º e 8º Batalhões, em primeira linha, seguidos pelo 9º de Infantaria e o 24º de Voluntários na segunda. Na terceira linha seguiram o 7º e o 2º de Infantaria e o 33º de Voluntários. Ao atingir a distância conveniente, a infantaria brasileira tomou passo acelerado e “*carregou a baioneta*”, levando de vencida os paraguaios de Tayi. Os brasileiros fizeram 71 prisioneiros, tomaram seis estandartes, além de armamento e munição. Tiveram 33 mortos e 93 feridos. Entre os mortos paraguaios 23 soldados e o seu comandante, o Major Vilamaior. Ao referir-se a esse combate, o General Resquin comentou que “... *estas operações do inimigo (Potrero Obella e Tayi) cortaram inteiramente as comunicações do exército paraguaio com Assunção, pelo rio e por terra.*”

## PASSAGEM PARA O CHACO

As portas para Humaitá continuavam abertas através do Chaco. Caxias decidiu fechá-las a través de uma operação na margem direita do Rio Paraguai. Para isso organizou dois destacamentos. Um brasileiro e outro argentino, para passarem para Chaco.

O Destacamento brasileiro, sob o comando do Coronel João do Rego Falcão, ficou constituído pelos 1º, 3º, 7º, 8º e 16º Batalhões de Infantaria. O 8º sob o comando do Coronel Hermes Ernesto

da Fonseca. Ao todo eram 2.300 homens. O Destacamento brasileiro concentrou-se em Estabelecimento e foi levado em chalanas através da Lagoa Cierva, até a margem do rio, onde embarcou no início da noite de 1º de maio, em navios da esquadra. O 7º Batalhão e duas companhias do 3º seguiram em uma segunda leva.

O 8º e o 16º constituíram a vanguarda. Tão logo desembarcaram, entraram em ação fazendo as forças paraguaias retraírem em direção a Timbó e a Humaitá. As tropas brasileiras seguiram em frente, até o local onde deveriam fazer a junção com os argentinos.

Os paraguaios reagrupam e contra-atacam sobre as posições do 8º e do 16º Batalhões, sendo repelidos. Quando se estavam recolhendo os feridos, novo ataque paraguaio. Novamente foram repelidos. Para prevenir-se de novo ataque, Hermes da Fonseca manda cavar trincheiras.

O ponto lastimável deste combate, além das baixas sofridas, foi o ocorrido com a Legião de Voluntários argentina, que, em dado momento no fragor do combate, virou as costas para o inimigo e abandonou o campo de luta. Além das inúmeras baixas, a Legião foi dissolvida como castigo.

Com a ocupação de Andai, pelas tropas brasileiras e argentinas, ficou cortada a estrada entre Humaitá e Timbó, a única via de comunicação da fortaleza com o exterior. Vendo-se com o acesso, à margem esquerda do Rio Paraguai, cortado, Solano



López procurou reconquistar o acesso a Passo da Pátria, atacando novamente Tuiuti, em 3 de novembro de 1868.

## CHACO

Após a conquista de Humaitá, o Marquês de Caxias deslocou para esta fortaleza, em 16 de agosto de 1868, a sua base de operações de Curupaiti. Para Humaitá foram levados hospitais, depósitos, repartições e tribunais, que estavam em Corrientes. Sua ideia era manter ali um efetivo mínimo e prosseguir com o grosso em direção ao norte. Sabia que Solano López tinha a maioria dos seus meios em Tebicuary.

Reconhecimento realizado no Chaco indicou a retirada das avançadas paraguaias, com abandono de armamento e munição. Mas Timbó ainda mantinha 400 soldados.

Caxias, diante do quadro, determinou que a 3ª Divisão (Brigadeiro José Auto Guimarães) reforçada com uma brigada de artilharia e outra de cavalaria, mais os trens de pontes, seguissem para Tayí e ficassem em condições de atuar quer em Timbó quer em Tebicuary.

Em 8 de agosto, Caxias realizou um reconhecimento no Rio Bermejo, porém optou por um ponto mais ao sul, pouco acima do Timbó, para realizar o desembarque. Ao retornar determinou ao General João Manoel Mena Barreto mandasse explorar convenientemente a região, em particular nas imediações do Rio Yaguareé, para tentar

colher prisioneiros. No retorno, o Major Daniel que havia comandado essa operação, trouxe um prisioneiro ferido que disse haver um pequeno contingente, com três canhões, na margem direita do Yaguareé, mas que esses homens já haviam recebido ordens para retrair para o Tebicuary, onde já se conhecia a rendição de Humaitá. Em 13 de agosto, depois de reunir os seus generais, Caxias decidiu marchar para o norte, com o objetivo de atacar Tebicuary.

O 2º Corpo de Exército, sob o comando de Argolo, permaneceu em Humaitá, enquanto Caxias seguiu com os outros dois Corpos, e os orientais, com o intuito de conquistar Pilar, o principal porto ao sul de Assunção. O 1º Corpo de Exército tinha como objetivo conquistar Pilar, deixando dois batalhões de infantaria em Tayí, enquanto o 3º iria para Opare-Cué, com alguns uruguaios.

No dia 17 de agosto, Caxias inicia a sua marcha, muito prejudicada pelas intensas chuvas. Transpõe o Ñeembucú, usando pontões de borracha e bateias. Neste mesmo momento os paraguaios abandonaram Timbó.

Na ocasião, o 8º Batalhão integrava a 8ª Brigada, comandada pelo Coronel Hermes Ernesto da Fonseca, pertencente à 5ª Divisão, do Coronel Carlos Bethbezé de Oliveira Néri.

Em 26 de agosto, o Barão do Triunfo (José Joaquim de Andrade Neves), no comando da 3ª Brigada de Cavalaria, reforçada pela 8ª Brigada de Infantaria (in-



Combate de infantaria na região do Chaco paraguaio.

clusivo o 8º Batalhão) e pelo 10º Corpo de Voluntários, transpõe o Yguaré e acampa em sua margem esquerda, permanecendo ali até o dia seguinte. Informações colhidas de prisioneiros davam conta do abandono de Villeta por parte das tropas inimigas. Solano López teria estado ali até o dia 24, quando resolveu retrain.

A vanguarda recebeu ordem para avançar em direção ao Tebicuary e Caxias deslocou-se para a frente aproximando-se da cabeça-de-ponte paraguaia. Ao examinar a situação sentiu a necessidade de conquistá-la, o mais rápido possível, para assegurar a transposição do Tebicuary.

Quando retornava para o seu Quartel-General, o Marquês de Caxias encontrou-se com o Barão do Triunfo (José Joaquim de Andrade Neves), já bem próximo ao rio. Após confabularem foi determinado

a general Andrade Neves, o ataque a cabeça-de-ponte, do Tebicuary. O Barão do Triunfo imediatamente determinou que a tropa fosse aliviada de suas mochilas e partiu para o ataque. Os paraguaios não ofereceram resistência. Ao perceber que estavam sendo atacados, muitos deles atiraram-se ao rio e nadaram para a margem oposta. Cumprindo a determinação de Caxias, Andrade Neves ocupou a posição conquistada, com uma brigada de cavalaria e outra de infantaria. O resto acampou mais à retaguarda, longe dos tiros da artilharia inimiga.

Em 31 de agosto, o Marquês de Caxias determinou um reconhecimento, visando à passagem do Tebicuary. Recolhida as informações, mandou lançar uma ponte nessa região, que se assentava sobre 17 canoas e havia sido trazida em carretas e parte rebocada por três navios



(Bahia, Alagoas e Ceará). Ao transpor o rio, a infantaria foi levada pelos monitores enquanto a cavalaria passou sobre a ponte. Ao chegarem nas trincheiras paraguaias já encontraram-nas vazias, pois os remanescentes paraguaios haviam se retirado para Villeta.

No dia 8 de setembro, a tropa reiniciou a sua marcha em direção ao Piquissiri e somente em 28 foram realizados os primeiros reconhecimentos à posição inimiga. Em função deste reconhecimento, Caxias verificou de que estava diante de uma posição fortemente defendida. Veio então a decisão de construir uma estrada através do Chaco, até um ponto a montante de Angostura e ali realizar a transposição do Paraguai, saindo à retaguarda do inimigo. Ao General Argolo foi atribuída a missão de construir a estrada.

Como medida preparatória foram passados para o Chaco os 4º e 16º Batalhões de Infantaria, além de elementos do Batalhão de Engenheiros e contingentes de cavalaria e artilharia. Enquanto se construía a estrada, no Chaco, novos reconhecimentos foram sendo feitos na região do Piquissiri e buscando-se um ponto apropriado para transpor o Paraguai, ao norte de Angostura.

Em 27 de novembro, o Marquês de Caxias transferiu o seu quartel-general para o Chaco e, em 29, o Barão da Passagem (Delfim Carlos de Carvalho), sobe o Paraguai até Assunção, onde realizou alguns tiros sobre os edifícios pú-

blicos, para distrair a atenção do inimigo. Dezenove mil homens passaram para a margem direita do Rio Paraguai (Chaco).

No dia 4 de dezembro, as tropas brasileiras transpuseram o rio, desembarcando nas barrancas de San Antonio, partindo de Santa Helena. O 8º Batalhão de Infantaria de linha, integrando a 8ª Brigada de Infantaria, fazia parte da 1ª Divisão de infantaria (Gen Gurjão), do 2º Corpo de Exército, comandado pelo General Argolo, juntamente com o 10º Batalhão de Infantaria e o 32º e o 38º de Voluntários.

Após vencer o inimigo no Tebicuary, as tropas aliadas aproximam-se do Piquissiri, onde se esperava resistência das tropas de Solano López. O terreno era muito mais favorável as tropas paraguaias ali entrincheiradas. As forças brasileiras avançavam cautelosamente, com a cavalaria na vanguarda.

## DEZEMBRADADA

Em 3 de dezembro, o 8º Batalhão embarca em um navio, nas proximidades de Villeta e segue para Santo Antônio, pouco mais ao norte. Na manhã do dia 5, cerca de 8.000 homens mantinham uma cabeça-de-ponte, na margem esquerda do Paraguai. No final do dia já eram 17.000 soldados, na retaguarda das posições paraguaias do Piquissiri.

No dia seguinte, o 2º Corpo de Exército inicia a sua marcha para o sul, tendo em

sua vanguarda integrada pelo 8º Batalhão de infantaria, sob o comando do Major Antônio Joaquim Bacelar. A estrada a seguir era estreita e acidentada, tendo à sua direita o Arroio Itororó. Curso d'água encaixotado, com cerca de 4,50m de profundidade e 3,50m de largura. Uma verdadeira torrente, principalmente em consequência das chuvas constantes. A estrada seguia entre matas boscosas até cerca de 200m de uma ponte de madeira sobre o Itororó.<sup>116</sup>

Ao norte da ponte uma colina, muito bem descrita por Dionísio Cerqueira, em seu *“Reminiscências da Guerra do Paraguai”*. Ao sul, um rincão de mata fechada bordando a margem esquerda do arroio. Um pouco mais à da ponte, uma planície semeada de capões, cujo terreno se elevava, levemente, para o sul.

O 2º Corpo de Exército marchou na vanguarda do exército brasileiro, onde seguia integrado à vanguarda, o 8º Batalhão de Infantaria. Quando a tropa chegou nas colinas ao norte da ponte, já lá estavam posicionado os soldados de Bernardino Caballero, postados nas elevações ao sul do arroio. A artilharia paraguaia, ao notar a presença brasileira, abriu intenso fogo contra a vanguarda. Inicia-se o combate.

Em meio ao feroz combate Caxias procura fixar o inimigo na posição, aguardando Osorio realizar uma marcha de en-

volvimento, com o 3º Corpo de Exército, para atingir as tropas de Bernardino Caballero, pelo flanco direito. Para atingir os seus propósitos, Caxias, lança a 1ª Divisão, do General Gurjão. Avança a 1ª Brigada, na vanguarda, seguida das 8ª e 13ª. Sem esmorecer diante de um valente inimigo, a 1ª Divisão consegue transpor a ponte e fazer retrain as tropas paraguaias até uma distância razoável, para o sul.

O restante do 2º Corpo de Exército segue atrás da 1ª Divisão. Após já haver transposto a ponte, Argolo é seriamente ferido e tem que ser evacuado pelos seus ajudantes. Ao ver o grande chefe ferido, a tropa se ressentiu e começa a retroceder, em certa desordem, ao serem acossados pela cavalaria paraguaia.

Caxias previu o perigo e determinou ao General Jacinto Machado Bittencourt que desencadeasse um contra-ataque com o 1º Corpo de Exército, reforçado por tropas de cavalaria. A tropa montada atravessou a ponte ao galope, posicionando-se em linha, prontos para o combate. Seguiram em sua cauda as 4ª, a 9ª e a 10ª Brigadas (5ª Divisão). O inimigo não cede. Desencadeia um forte contra-ataque.

Caxias a tudo observa. Dispõe apenas de uma brigada de infantaria em sua reserva. Sente não poder contar com Osorio, naquele momento. Faltam notícias do 3º

---

<sup>116</sup> TASSO FRAGOSO, Augusto. *História da Guerra da Tríplice Aliança e o Paraguai*. Rio de Janeiro: BIBLIE, 1959.



Corpo de Exército. Sentiu que devia atuar decisivamente. Ordena que os 46° e 51° de Voluntários atravessem a ponte e formem um quadrado para a defesa da posição. A tropa, prontamente, cumpre a determinação e entra em posição, após ultrapassar a ponte, permanecendo alerta na expectativa de um ataque inimigo. Neste momento, o velho comandante desembainha a espada e brada: *“Sigam-me os que forem brasileiros”*. Transpõe a ponte de espada em punho, seguido pelo seu piquete de 30 guardas riograndenses. Segue-lhe o restante da infantaria e artilharia ainda disponível, levando a bandeira brasileira tremulando, ao vento.

A presença do respeitado soldado enfurece o combate. A tropa brasileira estimulada pelo seu ato reagiu com todo brio e vigor. Os paraguaios sentindo a reação e não podendo resistir ao choque, foram abandonando as suas posições abandonando armamento, inclusive seis canhões. Retraíram a cavaleiro da estrada para Villeta.

Cerca de meia hora após o término do combate, chegou ao local da batalha, o 3° Corpo de Exército. Mas a vitória já havia sido alcançada. A estrada pela qual, Osório, tivera que percorrer era três vezes mais extensa do que se pensou. Osório só chegou a Itororó graças ao Tenente-Coronel Lima e Silva, Ajudante de Ordens, de Caxias, que foi ao seu encontro, para expor a situação difícil em que se encontrava o exército, em Itororó, e pedir que *“viesses com cautela o mais depressa possível”*.

Segundo Garmendia, o General Bernardino Caballero ainda teria condições de resistir na posição, mas optou pela retirada, ao ter tomado conhecimento da aproximação do 3° Corpo de Exército. Tal fato é confirmado por Centurión, em seu livro.

O combate em Itororó custou 1.806 perdas brasileiras e mais 1.200 paraguaios, deixando as tropas fatigadas após cerca de cinco horas de violento combate.

No dia seguinte, 7, as tropas brasileiras seguiram pela estrada de Villeta, até a capela de Ypané, sem preocupar-se com o inimigo. O 2° Corpo de Exército permaneceu em Itororó, junto à ponte. O grosso marchou até próximo à capela de Ypané. Bernardino Caballero, evita o confronto, marchando para o sul, mas sem perder de vista as tropas de Caxias.

O mau tempo e o cansaço levaram Caxias permanecer na região da capela de Ypané. Aguardava pelo grosso da cavalaria e o reaprovisionamento, pois os seus níveis já eram baixos. A tropa marchou desde Santo Antônio aliviada em sua bagagem, levando apenas o capote e ração para três dias.

No dia 9, Caxias ordenou o deslocamento, para oeste, até o porto de Ypané. Na frente partiria o 3° Corpo de Exército, seguido pelo 2°, ficando o 1° e os trens na retaguarda da coluna. A segurança da retaguarda ficou por conta de uma brigada de cavalaria.

Na madrugada, o 2° Corpo, acantonado em Itororó, agora sob o comando do General José Luiz Mena Barreto,

reuniu-se ao grosso, próximo à capela de Ypané. Às 11:00h foi iniciada a marcha rumo ao porto de Ypané. Ao deslocar-se, a tropa brasileira, desfilou às vistas do inimigo estupefato. Ao chegar em Guarda-Ypané, próximo ao Rio Paraguai, a tropa fez alto. Em lá chegando já encontrou a esquadra, desembarcando as divisões de cavalaria de João Manoel Mena Barreto e Andrade Neves, que vinham do Chaco. Junto foram trazidos os víveres e a munição que já estavam em nível crítico.

Na alvorada do dia 11 de dezembro, Caxias reiniciou o seu deslocamento para o sul, com a tropa descansada e suprida. O 2º Corpo de Exército, de Mena Barreto, compunha o grosso da tropa. Para chegar a Villeta, a estrada cruzava o Arroio Avaí, onde, naquele momento, encontrava-se Bernardino Caballero. Caballero estava posicionado em uma colina ao sul do arroio, com cerca de 7.000 homens e 18 canhões. Praticamente estava reproduzindo Itororó. Só que agora seria uma batalha campal, onde toda tropa brasileira estaria presente.

Osório marchava na vanguarda, com o seu Corpo de Exército. Ao se aproximar do Avaí percebeu a presença já esperada de Bernardino Caballero. Imediatamente alerta Caxias. Sem esperar mais, Caxias ordena um ataque à posição paraguaia, realizado pelo 3º Corpo de Exército, com as 2ª e 3ª Divisão de Cavalaria, sob o comando de Andrade Neves, desbordando pela esquerda e a 1ª Divisão de João Manoel, pela direita. A or-

dem era aniquilar o inimigo, destruindo o seu poder de combate.

Osório desemboca o ataque, enquanto a artilharia brasileira batia, violentamente pelo fogo, o inimigo. Pretendia flanquear o inimigo pela sua direita para atacá-lo pela retaguarda. Mas o solo encharcado, pelas chuvas, dificultou muito à manobra, sob intenso fogo inimigo. O 3º Corpo de Exército transpôs o Avaí, com a sua 3ª Brigada na vanguarda. Caballero parte, violentamente, com a sua cavalaria, sobre a vanguarda brasileira.

Quando tudo pareceu correr conforme o previsto, Bernardino Caballero empregou a reserva sobre o flanco direito brasileiro (9º e 15º Batalhão de Infantaria). A infantaria, dificultada pela lama não conseguiu formar o quadrado, ficando a mercê do inimigo. Apesar do tumulto o Tenente-Coronel Francisco de Lima e Silva, comandante do 9º Batalhão ordenou uma carga de baioneta, onde veio a tombar este valente oficial.

Diante da situação crítica, Osório lançou a 5ª Divisão de Cavalaria (Coronel Câmara), para aliviar a pressão sobre a infantaria brasileira. Caballero procura anular a ação da cavalaria brasileira, empregando a sua reserva, porém esta ação foi barrada pela própria 5ª Divisão.

A infantaria brasileira continuou sofrendo intenso fogo da artilharia e investidas dos lanceiros paraguaios. Osório sentindo o perigo lançou-se pessoalmente pelo centro, levando a sua infantaria de baioneta calada.



Os infantes souberam honrar a memória de Sampaio. Foi neste entrevero que Osório foi ferido, no rosto, por um tiro de fuzil.<sup>117</sup>

O ferimento de Osório não para de sangrar. O destemido chefe envolveu o seu rosto com o ponche-pala, galopa frente à tropa bradando: *“carreguem camaradas, acabem com eles!”* (História de Osório) Caxias desloca-se para a frente de combate, confabula com Osório, e lança o 2º Corpo de Exército (com o 8º Batalhão de Infantaria integrando a 8ª Brigada) sobre o flanco direito do inimigo, mantendo o 1º Corpo em reserva, mantendo uma brigada em Ypané, para observar o movimento de Caminos, que estaria vindo de assunção, em socorro de Caballero, com 3.400 homens.

O 2º e o 3º Corpo lançam-se com todo o ímpeto, sob a proteção da artilharia. Caballero não teve como deter, o ímpeto do ataque sofrido, apesar de terem os paraguaios imposto uma resistência obstinada.

Os brasileiros, por fim, ocuparam a colina e apossaram-se de quase toda a artilharia paraguaia, enquanto o Coronel Câmara realizou a perseguição, ao inimigo, com a 5ª Divisão de Cavalaria. A calma voltara à colina, a fadiga era grande, pelo esforço despendido. Apenas a artilharia manteve o fogo em cadência lenta, respondido por um solitário canhão paraguaio.

Bernardino Caballero retraiu para uma nova posição, com o que lhe restava

de sua valente tropa. Em determinado momento percebe um movimento de duplo envolvimento pela cavalaria brasileira. Era Andrade Neves e João Manoel desencadeando um ataque. Caxias, em determinado momento emprega a 5ª Divisão (Coronel Câmara), mais a infantaria disponível, dos 2º e 3º Corpos. O inimigo foi cercado.

A tentativa de romper o cerco foi segura pelas pontas das baionetas e as patas dos cavalos. Mesmo assim Bernardino Caballero, com alguns valentes conseguem fugir ao cerco e pegar a estrada para Villeta, perseguidos pela cavalaria. Talvez uns 200 conseguiram furar o cerco. A batalha demorou cerca de cinco horas, deixando mortos 3.000 paraguaios e 160 brasileiros. Terminada a batalha, o Marquês de Caxias dirigiu-se para Villeta e posteriormente para uma posição à retaguarda das trincheiras paraguaias do Piquissiri. O seu objetivo era a colina de Ita-Ibaté (Loma Valentina).

Em 21 de dezembro o exército colocou-se em movimento desdobrado em duas alas. A 1ª Coluna, sob o comando do General Jacinto Machado Bittencourt (8.794 homens) e a 2ª do General José Luiz Mena Barreto (19.415 homens).

A 8ª Brigada, integrada pelo 8º Batalhão de Infantaria (Major Antonio Joaquim da Silva Bacelar) e os 32º, 38º de Voluntários da Pátria, fazia parte da 3ª Divisão comandada pelo General José Auto da Silva Guima-

<sup>117</sup> Manuscrito de 1869.

rães. A 3ª Divisão de infantaria integrava a 2ª Coluna, de Mena Barreto.

Neste mesmo dia, 21, desencadeou-se o ataque, às trincheiras do Piquissiri, com a 2ª Divisão de Cavalaria, de Andrade Neves, compondo a vanguarda. O ataque realizado pela 1ª Coluna não obteve o êxito esperado.

Mena Barreto desencadeou o ataque tendo a 8ª Brigada de Infantaria, do Coronel Hermes Ernesto da Fonseca, em primeiro escalão. Seguiu reforçada pelo 39º Corpo de Voluntários. O 8º Batalhão de Infantaria foi lançado, na frente, por uma estrada que atravessava um mato denso, seguindo-se os três Corpos de Voluntários, por diferentes veredas. A estrada pela qual seguiu o 8º Batalhão estava enfiada por três canhões do inimigo. Atrás da 8ª Brigada, seguiu o restante da 3ª Divisão. O ataque realizado pelas tropas de Mena Barreto foi brutal. Só a 3ª Divisão teve 1.846 perdas, entre mortos, feridos e extraviados. Destes 116 eram oficiais. O 8º Batalhão cumpriu gloriosamente a sua missão.

Em 23 de dezembro, o Marquês de Caxias resolveu dissolver vários Corpos de Voluntários da Pátria, que estavam desfalcados em seus efetivos, e redistribuiu o pessoal pelas demais unidades. Dentre os extintos estavam os três integrantes da 8ª Brigada (32º, 38º e 39º). Toda a Infantaria brasileira ficou grupada em apenas duas divisões. A partir deste momento, o 8º Batalhão passou a integrar a 6ª Brigada de Infantaria (antiga

8ª, renumerada), integrante da 2ª Divisão (antiga 3ª).

Dois dias após iniciou-se o bombardeio sobre Ita-Ibaté e, em 27 de dezembro, desencadeou-se o ataque à posição. A tropa paraguaia ali desdobrada ficou praticamente cercada. Mesmo assim Solano López conseguiu escapar. A vitória brasileira tornou-se mais significativa diante de inúmeros prisioneiros que foram libertados. Alguns, dentre eles, oficiais brasileiros.

Após a conquista de Angostura, o Marquês de Caxias, marchou para Assunção, passando por Villeta. Onde havia deixado trens e bagagens. Estacionou nas imediações da localidade.

Como ainda demoraria alguns dias para chegar a Assunção, por terra, o Marquês determinou que a 6ª Brigada de Infantaria seguisse, pelo Rio Paraguai, para ocupar Assunção. No dia 1º de janeiro de 1869, a 6ª Brigada de Infantaria, comandada pelo Coronel Hermes Ernesto da Fonseca, entrava na capital paraguaia, pondo em fuga os 200 homens que lá estavam. Assim, o 8º Batalhão de Infantaria de Linha, do Major Antônio Joaquim da Silva Bacelar, foi uma das primeiras unidades brasileiras a entrar em Assunção. O restante das tropas aliadas somente no dia 3 começaram a chegar.

No dia 6 de janeiro, o Marquês de Caxias, faz modificações em sua ordem de batalha, mas o 8º Batalhão continuou integrando a 6ª Brigada, da 2ª Divisão (1º Corpo de Exército).



Durante uma missa, na Catedral de Assunção, no dia 17 de janeiro, o Marquês de Caxias foi acometido de uma síncope cardíaca. Isso fez com que passasse o comando para o Marechal Guilherme Xavier de Souza, se retirasse para Montevidéu e daí seguisse para o Rio de Janeiro.

Em 14 de abril, chegou em Assunção o Conde D'Eu, genro do Imperador, nomeado Comandante em Chefe de todas as forças em operações no Paraguai. Em 18 de abril, o Conde D'Eu, passou o comando das tropas brasileiras para o Marechal de Campo Visconde de Pelotas. O Exército, em operações foi reorganizado, passando a 3ª Divisão (Brigadeiro Herculano Sanches da Silva Pedra), a ser integrada pelas 5ª e 6ª Brigadas de Infantaria. O 8º Batalhão, juntamente com o 3º e o 12º, integraram a 5ª Brigada de Infantaria, sob o comando do Coronel Domingos José da Costa Pereira.

## O RETORNO

Terminada a guerra, o Governo do Brasil decidiu manter em território paraguaio uma força de ocupação. Em ofício de 4 de abril de 1870, o Ministro da Guerra determinou ao comandante das tropas brasileiras, no Paraguai, o General Câmara, que fixasse o efetivo a permanecer, de comum acordo com o Ministro Paranhos (Visconde do Rio Branco). Nesta data, o Conde D'Eu já havia regressado ao Brasil. Em 25 de abril, o Brigadeiro Emílio Luiz Mallet é nomeado Co-

mandante da 3ª Divisão de Infantaria.

Em ofício de 29 de abril, o General Câmara informou ao Ministro da Guerra, ter acertado a permanência da ordem de 3.000 homens, no Paraguai. Para isso foi criada a Divisão de Ocupação, a duas brigadas, em um total de 3.593 homens. A 5ª Brigada (Coronel Domingos) passou a ser a 2ª, tendo os 3º, o 8º e o 17º Batalhões de Infantaria.

Integrando a 2ª Brigada (Coronel Domingos José da Costa Pereira) estava o 8º Batalhão de Infantaria Ligeira, com 512 homens), sob o comando do Tenente-Coronel Antônio Joaquim Bacelar, juntamente com os 3º e 17º Batalhões. Esta brigada permaneceu em Assunção, enquanto que a 1ª foi mandada para Humaitá. Em 1871, o efetivo brasileiro havia aumentado para 3.722 homens.

No ano seguinte, retornou ao Brasil o 7º Batalhão de Infantaria, permanecendo no Paraguai um efetivo de 2865 homens (10 de abril de 1872). O retorno para o Brasil foi sendo realizado de tal forma, que em 1873 somente três batalhões ainda permaneciam em território paraguaio. Dentre eles o 8º Batalhão, juntamente com o 10º e o 17º. Em 25 de abril de 1873 só havia 1.959 soldados brasileiros, no Paraguai.

Em 1º de fevereiro de 1876 foi realizada em Buenos Aires uma reunião entre Bernardo Irigoyen (argentino) e Facundo Machain (paraguaio) para combinar o tratado de paz entre os dois países. Esta reunião contou com a presença do Ministro Aguiar

de Andrade, do Brasil. Ficou, na ocasião, combinado que as tropas aliadas sairiam do território paraguaio dentro de um prazo de cinco meses, contados da data da assinatura do tratado.<sup>118</sup>

No Relatório do Ministro da Guerra, de 1877, consta o Aviso de 4 de abril de 1876 que manda retirar todas as tropas brasileiras remanescentes da Divisão de Ocupação, do território paraguaio. Lá apenas estava a 2ª Brigada. Em função deste aviso, seguiram, para Mato Grosso, o 3º Regimento de Artilharia a Cavalos, o 2º Batalhão de Artilharia a Pé e o 8º Batalhão de Infantaria de Linha. As demais unidades seguiram para Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

A última tropa brasileira deixou Assunção em 22 de junho de 1876.

## BIBLIOGRAFIA

CARDOSO, Efraim. *Hacen Cien Años*. Assunção: Ed. EMASA, 1971.

CERQUEIRA, Dionísio. *Reminiscências da Campanha do Paraguai* (1865-1870). Rio de Janeiro: BIBLIEx, 1980.

Centro de Documentação do Exército. *Normas para a Preservação das Tradições das Organizações Militares do Exército Brasileiro*. Brasília:

EGCF, 1987;

DORATIOTO, Francisco. *Maldita Guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO. *História do Exército Brasileiro, Perfil Militar de um Povo*. Rio de Janeiro: BIBLIEx, 1972.

MAIA PEDROSA, José Fernando. *Batalhão Itapiru*. 1990.

MONTEIRO, Jônatas do Rego. *O Exército Brasileiro*. Rio de Janeiro: Biblioteca Militar, 1989.

MOURA, Aureliano Pinto de. *A Batalha de Tuíuti*. Rio de Janeiro: IGHMB, 2002.

\_\_\_\_\_. *Caxias e a Reorganização do Exército Brasileiro no Teatro de Operações do Paraguai – Simpósio Comemorativo do Bicentenário do Nascimento de Caxias*. Rio de Janeiro: IHGB, 2003.

Ordens do Dia: de Osório (1º Mar 65 – 15 Jul 66); de Polidoro (15 Jul 66 – Fev 69); de Caxias (18 Nov 66 – 9 Fev 69); de Guilherme Xavier (25 Jan 69 – 10 Abr 69); e do Conde D'Eu (21 Abr 69 – 18 Abr 70); Visconde de Pelotas (18 Abr 70 – 31 Jul 70); Acervo do Arquivo Histórico do Exército;

TASSO FRAGOSO, Augusto. *História da Guerra da Triplíce Aliança e o Paraguai*. Rio de Janeiro: BIBLIEx, 1959.

THOMPSON, George. *Guerra del Paraguay*. Assunção: RP Ediciones, 1992.

<sup>118</sup> TASSO FRAGOSO, *op.cit.*